

COMENTÁRIOS SOBRE O ENSINO MÉDICO, COMO PRATICADO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

ALTAIR JACOB MOCELIN¹

MOCELIN, A.J. Comentários ao ensino médico, como praticado na Universidade Estadual de Londrina. *Semina: Ci. Biol./Saúde*, Londrina, v. 14, n. 2, p. 127-128, jun. 1993.

RESUMO: *Considerações críticas à evolução do curso de medicina da Universidade Estadual de Londrina são freqüentes, ainda intramuros, sempre traduzindo subjetividade, porque não dispomos, em qualquer parâmetro, de coleta continuada de informações cientificamente validadas. Pode-se inferir da composição docente, extensamente apoiada em professores sem pós-graduação envolvendo metodologia do ensino e iniciação científica, que a transferência de informações professor-aluno careçam de rigor científico desejável. Sugere-se que o Centro de Ciências da Saúde agilize a instituição de um escritório de ensino médico para diagnosticar a qualidade do curso e sugerir protocolos experimentais que estudem futuras sugestões de mudanças curriculares.*

PALAVRAS-CHAVE: *Escritório de Ensino, Currículo médico, Avaliação estudantil.*

Foram tão somente 25 anos de existência desta escola médica, iniciada em uma época de explosão numérica das faculdades de medicina, mas já se faz necessário avaliar o seu desempenho; tenhamos em mente que o nosso referencial, a Universidade de São Paulo, nasceu há 58 anos (1934), com apoio econômico do Estado líder em educação, ciência e tecnologia.

Apesar do planejamento inicial orientar-se pela busca dos primeiros professores em escolas já tradicionais, nossos administradores só encontraram disponíveis médicos de pouca titulação, em sua maioria, com conclusão recente de residência médica e discreta exposição a atividade de ensino, aos quais recompensou dando-lhes titularidade; vieram maturar em Londrina, nem sempre a contento didático nem assistencial e, menos ainda, pesquisadores hábeis a montar e executar projetos prospectivos, aleatórios, controlados, carreadores de recursos das agências nacionais de fomento à pesquisa e prestígio à instituição.

Para comentar apenas na Clínica Médica, éramos, em 1979, 45 docentes distribuídos em 2,2% com título de mestres, 17,8% doutores e, em 80% dos casos, portadores de residência exclusivamente e nos foi confiado ensinar medicina, sem que tivéssemos, quase todos, sustentado qualquer desempenho em curso de Metodologia do Ensino Superior (quadro anexo).

Nos últimos treze anos, período entre 1979 e 1992, aumentamos nosso contingente de mestres, de 2,2% para 17,8%, mas estes não progrediram para o doutorado, como regra geral não implantaram linhas de investigação e, na maioria das vezes, sua pesquisa editada como tese

não alcançou as páginas de revistas indexadas; também é corrente em nosso meio a apresentação de temas livres nos congressos documentando casos isolados ou amostras pequenas contidas em avaliação retrospectiva.

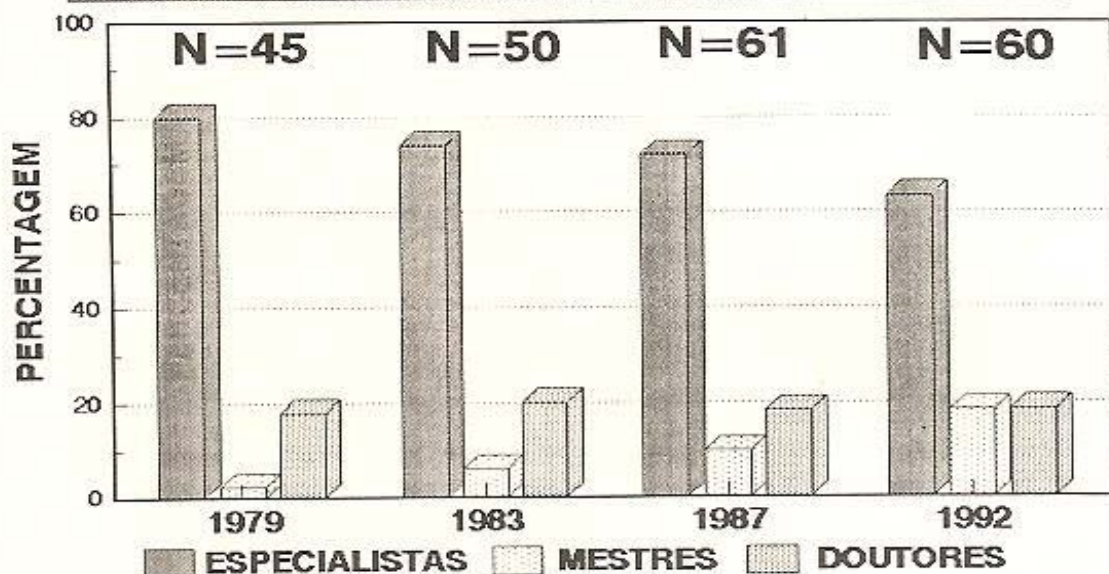
A avaliação sem rigor científico, porque obtida de uma amostra não aleatória, mais acumulando informações puntuais, sugere que os formandos da Universidade Estadual de Londrina (UEL) se julgam capacitados a resolverem casos-problemas da prática médica, até mesmo melhores do que seus concorrentes de outras instituições semelhantes, porém, quando se propuseram a competir por vagas em residências de alto nível, como as da Universidade de São Paulo (USP), lhes faltou base fisiopatológica, à primeira vista imputável à imposição de trabalho que vemos como substitutivo das auxiliares de enfermagem, como extensamente praticado, durante o internato médico, no estágio da maternidade e na instrumentação cirúrgica (não somente), enquanto poderiam estar em atividade de estudo independente ou tutoria.

A existência da escola médica da UEL é recente, mas já vivemos décadas em que política de ensino se confundiu com política no ensino, marcada pelo sindicalismo salarial, a disputar vitórias-derrotas com o governador em exercício, políticos esses que compõem nossa quase prestigiosa elite de legisladores ou candidatos a tanto; talvez por isso nos perdemos na estruturação qualitativa, não iniciamos um escritório de planejamento do ensino médico e não documentamos, sob a ótica de um projeto de pesquisa, a evolução do curso de medicina. Vem daí só dispormos de informações anedóticas, possi-

1 - Departamento de Clínica Médica/CCS - Universidade Estadual de Londrina, Caixa Postal 6001, Londrina, Paraná, Brasil, CEP 86051-970.

CLÍNICA MÉDICA

DISTRIBUIÇÃO DOCENTE PELA TITULAÇÃO ACADÊMICA



velmente confiáveis.

Perderam os alunos que já finalizaram o curso com rendimento mínimo e repetições, pois não obtiveram tutoria que os ensinasse a aprender com resultado; perdeu a classe médica, porque será representada por profissionais que poderão interromper seu treinamento ao não ingressarem em programa de pós-graduação.

A socialização implantada pela mão de constituintes políticos trouxe, a meu ver, graves malefícios, ao não fazer o diagnóstico sócio-econômico: os que poderiam pagar pelo ensino caíram na vala do silêncio, sem o "direito" de exigir algo de melhor nas salas de aula; pediram, para espanto de muitos, a nota cinco (5,0) como obstáculo à promoção e são totalmente infelizes para criar mecanismos eficientes em remover professores que não cumprem requisitos mínimos.

Ainda deve ser possível recuperarmos o caminho das propostas de uma instituição pujante, com docentes envolvidos no aprendizado daqueles alunos que não estão entre os naturalmente destacados pela capacidade de estudo independente - TUTORIA PARA PEQUENOS GRUPOS; vejo com pessimismo o afastamento do convívio

social ao não dispormos de vontade nem acomodações para admitirmos, como pacientes, a clientela geral, gerando receita ampliada e honorários profissionais - NÃO QUEREMOS ENTRE NOSSOS PACIENTES OS DE CÉREBROS MAIS BEM TREINADOS NEM OS QUE PODEM PAGAR A PRÓPRIA CONTA? Precisamos, urgentemente, fazer da pesquisa a razão principal de continuação permanente ou exclusão da Universidade, com exceções para excelência em tutoria, mas as condições salariais de hoje são um estímulo ao contrato em tempo parcial e procura de honorários em outras instituições.

Criemos o ESCRITÓRIO DE ENSINO MÉDICO, com profissionais titulados em metodologia do ensino superior, não necessariamente médicos e pratiquemos a orientação escolar terapêutica, reconhecendo os alunos com deficiência de aprendizagem, eventualmente recuperáveis com TUTORIA INDIVIDUALIZADA.

Por fim, tenhamos uma avaliação externa do curso, aplicando o teste da Associação Médica do Rio Grande do Sul (AMRIGS) ou prova final em outra escola médica do Estado.

Recebido para publicação em 30/9/1992

MOCELIN, A.J. Comments on the medical teaching as practiced at the Londrina State University.

Semina: Ci. Biol./Saúde, Londrina, v. 14, n. 2, p. 127-128, June 1993.

ABSTRACT: At the Medical School, without any collection of data on the quality of the offered course throughout the 25 years of its existence, it is current the opinion of a decreasing quality of the medical students reaching graduation. This might well be true but we do not have any scientific data available to document it, except the heavy exposure of the students to teachers lacking formal training in teaching methodology or scientific reasoning. It is recommended the establishment of an office for prospectively planning evaluating the medical course and future objective curriculum suggestions.

KEY-WORDS: Medical curriculum, Teaching office, Student evaluation.

Semina, Ci. Biol./Saúde, v. 14, n. 2, p. 127-128, jun. 1993